



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ISABELLE DOS SANTOS

"CORA É NEGRA E TEM CABELO CACHEADO IGUAL A MIM":
LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
NEGRA NA ESCOLA

JOÃO PESSOA – PB

2020

ISABELLE DOS SANTOS

**"CORA É NEGRA E TEM CABELO CACHEADO IGUAL A MIM":
LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
NEGRA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Surya Aaronovich Pombo de Barros.

JOÃO PESSOA – PB

2020

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237c Santos, Isabelle Dos.

"CORA É NEGRA E TEM CABELO CACHEADO IGUAL A MIM":
LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
NEGRA NA ESCOLA / Isabelle Dos Santos. - João Pessoa,
2020.

56 f. : il.

Orientação: Surya Aaronovich Pombo de Barros.
Monografia (Graduação) - UFPE/CE / Pedagogia.

1. Escola. 2. Identidade. 3. Livros Infanto-Juvenis. 4.
Criança Negra. 5. Relações Étnico-Raciais. I. Barros,
Surya Aaronovich Pombo de. II. Título.

UFPE/BC

ISABELLE DOS SANTOS

**"CORA É NEGRA E TEM CABELO CACHEADO IGUAL A MIM":
LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
NEGRA NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba

Orientadora: Prof.^a Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros

Aprovada em: 01/04/2020

BANCA EXAMINADORA

Surya Aaronovich Pombo de Barros

Prof.^a Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros
UFPB (Orientadora)

Amanda Sousa Galvêncio

Prof.^a Dra. Amanda Sousa Galvêncio
UFPB (Examinadora)

Ivonildes da Silva Fonseca

Prof.^a Dra. Ivonildes da Silva Fonseca
UEPB (Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Maria de Lourdes, que sempre compreendeu o valor da educação em minha vida. Suas mãos afetuosas me proporcionaram sonhos e hoje retribuo esse carinho com a minha formação. Mãe, sempre levarei seu ensinamentos como principal fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao menino negro que nasceu sem nenhuma glória, mas que transbordou seu amor por mim. Obrigada Jesus!

Gratidão à minha mãe, por ser meu exemplo de vida. Uma mulher preta, empregada doméstica, mãe solteira e subversiva. Me ensinou quais caminhos percorrer nessa vida e deu tudo de si para que eu chegasse até aqui!

A Joseilton, que me acolheu com o seu afeto e que a vida me presenteou como pai!

A minha amiga Andrezza, que se tornou uma ponte de afeto e acolhimento nos dias mais difíceis de escrita.

Agradeço aos meus amigos que me acompanharam nessa jornada da vida acadêmica e acreditaram sempre no meu potencial. Especialmente Afonso, Bárbara e Priscilla.

Á todos aqueles que participaram dos dias intensos dentro da Universidade, dos trabalhos acadêmicos, das viagens para os congressos. Á essas meninas: Priscila, Keliane e Pâmella minha gratidão.

Ao Lucas que foi um importante companheiro afetuoso nessa jornada de sonhos e concretizações.

Á todos aqueles que se tornaram família durante essa caminhada acadêmica. Especialmente Tia Leia, Ricardo e os seus dois filhos.

À minha orientadora, Profª Drª Surya Pombo, que teve todo o carinho e cuidado comigo na construção desse trabalho.

A professora Nádia, que me incentivou conhecer e participar do projeto da Residência Pedagógica, proporcionando as investigações desse trabalho.

A minha preceptora Claudia e todos (as) os alunos (as) da Escola de Educação Básica – UFPB.

Aos professores e professoras que construíram juntamente comigo um pensamento crítico sobre a educação.

Por fim, a todos aqueles que estiveram presentes na construção dos meus ideais como mulher preta e professora.

Gratidão!

*Chega junto, e venha cá
Você também pode lutar
E aprender a respeitar
Porque o povo preto veio re-vo-lu-cio-nar*

(Bia Ferreira – Cota Não É Esmola)

RESUMO

O presente trabalho destaca a importância do uso de livros infanto-juvenis com personagens negros protagonistas para o desenvolvimento da identidade da criança negra. Os objetivos da pesquisa buscaram refletir sobre o papel da escola, sobre a importância da representatividade nos livros infanto-juvenis e sobre como esses instrumentos podem ajudar a criança a construir sua identidade. Trata-se de um trabalho pautado na pesquisa-ação, desenvolvido por todo o ano de 2019, através do Programa Residência Pedagógica. As turmas em que a pesquisa se desenvolveu foram 2º, 3º e 4º ano do ensino fundamental com estudantes entre 7 e 10 anos no turno vespertino. A pesquisa-ação é uma metodologia que permite o pesquisador ter uma participação ativa no que se propõe a investigar. Concluímos a importância que as obras infanto-juvenis têm na vivência de uma criança. Por meio delas podemos obter debates que desmistifiquem os estereótipos da branquitude e construa uma base sólida sobre a identidade positiva de uma criança negra.

Palavras-chave: Escola; Identidade; Livros Infanto-Juvenis; Criança Negra; Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

The present work highlights the importance of the use of children's books with black protagonists for the development of the identity of the black child. The objectives of the research sought to reflect on the role of the school, on the importance of representativeness in children's books and on how these instruments can help the child to build his/her identity. This is a work based on action research, developed throughout 2019, through the Pedagogical Residency Program. The classes in which the research was developed were 2nd, 3rd and 4th year of elementary school with students between 7 and 10 years in the afternoon shift. Action research is a methodology that allows the researcher to have an active participation in what he proposed to investigate. We conclude the importance that children's and youth works have in the experience of a child. Through them we can obtain debates that demystify the stereotypes of whiteness and build a solid foundation on the positive identity of a black child.

Keywords: School; Identity; Children's Books; Black Child; Ethnic-Racial Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cartaz Minha Cor É	24
Figura 2: Livro A Bela Acordada, Ligia Pereira dos Santos (2011)	27
Figura 3: Livro Um Guerreiro chamado Zumbi, Zeneide Silva (2007)	27
Figura 4: O Cabelo de Lelê, Valeria Belém (2007)	31
Figura 5: Prova de História	33
Figura 6: Aluno N, 10 anos, negro	37
Figura 7: Aluna Y, 10 anos, negra	40
Figura 8: Aluna T, 10 anos, negra	40
Figura 9: Aluno Ç, 8 anos, negro	46
Figura 10: Aluna S, 9 anos, negra	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD – Programa Nacional do Livro e Material Didático

PPP – Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 "NÃO ACHO BONITO PORQUE FICA FEIO CABELO PRETO COM PRETO": UMA LINGUAGEM QUE REPRODUZ O RACISMO	15
2.1 A importância da Lei 10.639/03: Através da resistência do Movimento Negro	17
2.2 A escola como construtora da Identidade Negra	20
2.3 Representatividade é importante	22
3 O QUE TEM NA ESCOLA? A ESCASSEZ DAS OBRAS COM PERSONAGENS NEGROS NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA UFPB	27
3.1 A importância das políticas educacionais	29
3.2 A escola e o currículo	34
3.3 Lápis Cor da Pele: Atividade Pedagógica	36
4 "A LELÊ É VOCÊ, TIA!": UMA ANÁLISE SOBRE AS REAÇÕES DAS CRIANÇAS	38
4.1 O Cabelo de Cora: Tecendo o caminho para as análises	39
4.2 O Cabelo de Lelê: A negação ou aceitação do cabelo crespo	41
4.3 Menina Bonita do Laço de Fita e A Bela Acordada: Tecendo as últimas apreciações	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – Termo de Consentimento	53
ANEXO A – Resumos da Contra Capa dos Livros	54

1 INTRODUÇÃO

A educação é um movimento de reflexão, conhecimento científico e de múltiplas culturas. É esse contexto que possibilita as crianças adentrarem na construção de suas identidades, sejam positivas ou negativas.

Ao mesmo tempo que a escola pode ser um lugar de novas perspectivas sobre a construção da sociedade, também pode se tornar um ambiente de práticas racistas. Com isso, a educação é duramente afetada tornando-se um espaço de reproduções racistas e sem uma reflexão crítica para o que está posto ao seu redor.

Por isso a pesquisadora Francisca Sousa, ressalta que:

Nesse sentido, a sala de aula e a escola como um todo tem se caracterizado como um espaço de conflito no qual as crianças e adolescentes, negras e negros, sentem dificuldade de consolidar, positivamente, sua identidade e sua autoestima. Isto dá-se, principalmente, pela costumeira vinculação do negro com situações ou coisas pejorativas, através de apelidos e comparações grosseiras e desagradáveis (SOUSA, 2005, p. 112).

É nessa perspectiva que a Lei 10.639/03, sancionada em março de 2003, é um marco importante na história educacional brasileira, pois tem como objetivo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, nas salas de ensino básico brasileiro.

A importância dessa lei resgata e constrói reflexões reparadoras sobre a população negra, investiga a contribuição histórica e social que os negros tiveram e têm em nosso país, revelando um novo molde como observar os fatos apresentados em livros didáticos, literários, em relatos contados nos jornais, na interação educacional e como a pessoa negra percebe-se dentro da sociedade.

A Lei 10.639/03 coopera para a quebra de paradigmas discriminatórios e racistas existentes no ambiente educacional, pois abre o diálogo para maior visibilidade do movimento negro, suas lutas, reivindicações políticas e sociais as quais enfrentam em suas vivências diárias.

Por isso, a importância do desenvolvimento de práticas antirracistas dentro da educação básica brasileira, pois possibilita crianças negras a terem contato com a história da sua cultura e construindo assim uma identidade positiva sobre seus traços e

caminhando para o empoderamento da sua individualidade como precursores de suas próprias histórias de vida.

Nesse sentido, este trabalho se relaciona com as minhas vivências pessoais e no campo de extensão das experiências acadêmicas. A composição desse trabalho me possibilita recordar algumas de minhas memórias na infância dentro do ambiente educacional, quando os meus colegas zombavam dos meus traços, dando ênfase sempre ao meu cabelo que era visto como: "cabelo de bucha"; "cabelo de miojo"; "cabelo pixaim", etc.

Essa manifestação do racismo gerou traumas em relação aos meus traços e ao reconhecimento da minha identidade como uma criança negra. Ao adentrar no campo universitário pude transformar essa identidade negativa que foi construída durante a educação básica. Pois, através dos debates acadêmicos sobre diversidade, racismo e outras questões pude (re)construir minha identidade como mulher negra tendo um olhar de amor sobre os meus traços.

As experiências negativas na educação básica e as discussões que transformaram em identidade positiva ao longo do curso de Pedagogia me auxiliaram a desenvolver o Projeto Identidade Negra, que integrou a experiência do Programa Residência Pedagógica – Capes/CNPq¹ da Universidade Federal da Paraíba. Nesse programa, cada residente precisava desenvolver um projeto de acordo com suas especialidades (educação infantil ou ensino fundamental). Ao passar pelas observações dentro de sala de aula e ao entorno da escola, percebi que a instituição precisaria discutir de forma mais ampla sobre as relações étnico-raciais em seu currículo oculto.

O desenvolvimento das ações do projeto foram discutidos com a preceptora que me acompanhou durante todo o ano, me permitindo desenvolver de forma reflexiva as questões que ocorreram sobre a população negra. O projeto desenvolvido é o eixo principal que compõe as investigações de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As observações e intervenções da pesquisa foram realizadas durante todo o ano de 2019, na instituição básica de ensino, localizada na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Esse processo de pesquisa ocorreu pois, como já citado, participei do Programa

¹ O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

Residência Pedagógica, que possibilitou a imersão na instituição e o desenvolvimento do Projeto Identidade Negra de livros infanto-juvenis.

As turmas em que a pesquisa se desenvolveu foram 2º, 3º e 4º ano do ensino fundamental com estudantes de 7 a 10 anos no turno vespertino, por isso busquei preservar suas identidades. Com isso, as crianças serão identificadas a partir das letras do alfabeto, em função da natureza da análise, vamos anunciar se a criança é negra ou branca. Portanto, ficará "aluna(o) J., 10 anos, branca/negra".

As ações na escola delimitaram e em três perspectivas: observação das reações e falas das crianças ao entorno da contação de história dos livros literários com personagens negros, a construção de atividades tendo como referência o livro literário e o ensino de uma nova perspectiva sobre a história da população negra.

Nesta pesquisa, optei por refletir como os livros infanto-juvenis com personagens negros protagonistas das histórias podem contribuir para a construção da identidade da criança negra. Meus objetivos a partir das ações do projeto são: refletir sobre o papel da escola, sobre a importância da representatividade nos livros infanto-juvenis e sobre como esses instrumentos podem ajudar a criança construir sua identidade.

As obras aguçavam os debates e o reconhecimento das crianças com os personagens, por isso se torna um elemento importante nos instrumentos da pesquisa. A partir das leituras dos livros as ações iam aparecendo para a pesquisa.

Portanto, foram abordados quatro livros em que os personagens principais eram negros. Três dessas obras tinham o objetivo de discutir sobre os traços negros construindo uma identidade positiva da criança negra, buscando também a reflexão e respeito das crianças brancas para com as diferentes belezas.

O 4º livro tinha o objetivo de apresentar de forma lúdica como ocorreu o processo da Diáspora Africana, sendo contado com as percepções de uma menina negra como protagonista.

O diário de campo se tornou um método de instrumentação da pesquisa. Pois, possibilitou-me registrar ações que ocorriam ao decorrer das discussões entre as crianças sobre os livros que estavam sendo lidos naquele momento.

Por isso, a escolha desse tipo de pesquisa, que ajudou-me a interagir de modo mais integral com os alunos que foram os sujeitos desse processo. Nessa metodologia os estudantes conseguiram expressar suas reflexões e com isso, íamos ressignificando as discussões e interpretando de forma clara algumas reproduções racistas, sempre com o foco na obra abordada.

Com isso, o desenvolvimento desse trabalho contou com a perspectiva da pesquisa-ação, sendo uma metodologia que permite o pesquisador ter uma participação ativa no que se propôs a investigar. Segundo Thiollent, "A pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social, na qual existe ampla e explícita interação entre o pesquisador e as pessoas envolvidas na situação investigada" (THIOLLENT apud ARANTES, GASPAR, 2018, p. 29).

Esse trabalho estará pautado sobre a perspectiva de pesquisa bibliográfica que têm como finalidade, aproximar o pesquisador com estudos que já foram produzidos acerca do tema escolhido para compor sua pesquisa, sua característica dar-se pela apropriação de fontes secundárias já analisadas, ou seja, artigos científicos e livros (GONSALVES, 2011).

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. Neste capítulo, Introdução, estão as primeiras palavras e ideias do que será o trabalho, a justificativa, metodologia e principais objetivos. O capítulo 2, *Não acho bonito porque fica feio cabelo preto com preto: Uma linguagem que reproduz o racismo*, discute o que é o racismo, a importância de termos a Lei 10.639/03 que possibilita as discussões dentro das salas de ensino básico, as múltiplas linguagens escolares em nosso ambiente educacional e a representatividade que as crianças necessitam ter nesse espaço para que se construa um ambiente saudável contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade positiva da criança negra.

O capítulo 3, *O que tem na escola?: A escassez das obras com personagens negros na escola de ensino básico da UFPB*, traz a análise do material utilizado na escola - Livros didáticos e paradidáticos, projeto político pedagógico, planos de ação, projetos e datas comemorativas na perspectiva das relações étnico-raciais.

O capítulo 4, *A Lelê é você, Tia!: Uma análise sobre as reações das crianças*, traz a apreciação das atividades propostas e discursos, tendo como objetivo as articulações do segundo e terceiro capítulo para a complementação da importância da literatura negra nos ambientes escolares como forma de empoderamento da criança negra.

Finalmente, à guisa de considerações finais, retorno o trabalho apontando as principais conclusões, apresentando por novas estratégias de como refletir sobre a temática e chamando a atenção para as lacunas existentes nas instituições de ensino básico brasileiro.

2 "NÃO ACHO BONITO PORQUE FICA FEIO CABELO PRETO COM PRETO": UMA LINGUAGEM QUE REPRODUZ O RACISMO

O título desse capítulo configura-se no discurso de uma criança branca entre 7 e 8 anos, do segundo ano do ensino fundamental I. Essa fala ocorreu durante a leitura do livro "Cabelo de Lelê", da autora Valéria Belém (2007), em que pergunto o que as crianças acharam do cabelo da personagem e então escuto: "Não acho bonito porque fica feio cabelo preto com preto".

Nesta fala percebo o processo de reproduções racistas que são desenvolvidas através das imposições de padrões e estereótipos brancos. O racismo nessa fala e em outros discursos qualifica-se na inferiorização da criança negra. Isso ocorre porque temos um padrão eurocêntrico dentro da nossa sociedade. Nilma Lino Gomes define o racismo como:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2005 p. 52).

Os personagens de livros, desenhos, filmes, brinquedos e história infanto-juvenis são em sua maioria brancos. Nesse processo ocorre um modelo em que o bom e o belo sempre vai partir das primícias de um indivíduo branco, criando privilégios e superioridade nas crianças brancas por conseguirem se identificar dentro do universo infantil. Segundo Francisca de Sousa, as linguagens escolares reproduzem racismo quando, entre outras coisas:

Não dando visibilidade ao grupo negro, ou seja, excluindo-o da decoração escolar, das ilustrações dos livros, dos referenciais de construção da história, das ciências e das artes etc. Neste cenário, os brancos passam a ser os "donos" da história, do conhecimento e do saber da humanidade. Delegando a outros povos, especialmente aos negros, um papel secundarizado e socialmente desvalorizado como, por exemplo, o de mão de obra meramente braçal (SOUSA, 2005 p. 109).

Ocorre assim o inverso na formação das crianças negras. De acordo com Mariosa e Reis (2011), essas crianças não conseguem se reconhecer dentro dos personagens de

livros, desenhos etc., aceitando a imagem de inferioridade e tornando-se passivas do branqueamento. Ana Célia Silva define o branqueamento como:

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos (SILVA, 2005 p. 23).

As crianças negras passam a se rejeitar e rejeitar tudo aquilo que envolve o universo negro (MARIOS, REIS, 2011), ou seja, constroem suas identidades de forma conflituosa e se afastam de suas raízes para poderem se assemelhar aos estereótipos brancos e construir uma "aceitabilidade" dentro da sociedade a qual pertencem.

O racismo é uma construção anuladora da criança negra, é objetificação de sua identidade. Situações racistas deixam marcas perversas na vida de uma criança negra, resultando em passar pelo processo de negação. Além da negação de que são, há a construção da identidade negativa.

De acordo com Eliane dos Santos Cavalleiro:

Em estudos anteriores, foi possível comprovar que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto rejeição, desenvolvimento de baixa autoestima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar (CAVALLEIRO, 2005, p. 12).

Ocorre pelo fato de o racismo ser uma forma de silenciamento da intelectualidade, subjetividade e liberdade da vivência coletiva do indivíduo negro. O racismo silencia nossas vozes e corpos, pois quando a criança afirma que não acha bonito o cabelo preto na pessoa preta, ela está afirmando que o belo não encontra-se ligado a uma pessoa negra e reafirmando que o padrão de beleza limita-se na branquitude.

Como podemos observar na fala que dá a esse capítulo, o título deste capítulo, o ambiente educacional também é perpetuador dos comportamentos racistas de nossa sociedade. Dentro desse contexto, o racismo encontra-se em diferentes aspectos: nas relações interpessoais das crianças, nos livros didáticos, na falta da literatura negra e também no silenciamento dos professores em relação às "brincadeiras" que ocorrem entre as crianças.

As pesquisadoras Fabiane Sousa e Ilana da Silva advertem:

"[...] a escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças socialmente, culturalmente diferentes, o que favorece a construção da identidade da criança. Esse contato poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais" (SOUSA, SILVA, 2016, p. 01).

Ao mesmo tempo em que o ambiente escolar pode tornar-se o primeiro contexto de vivências da reprodução do racismo, também pode ser por meio desse ambiente que as reflexões raciais se iniciem. As práticas pedagógicas, os livros didáticos e literários antirracistas, são um eixo importante para que o silenciamento do racismo escolar não venha ocorrer.

Por isso a importância da reflexão sobre o tema para a construção de um espaço educacional saudável com o pleno desenvolvimento da identidade das crianças negras e uma educação que seja voltada para práticas antirracistas.

Discutiremos no tópico a seguir a importância da Lei 10.639/03, como um marco histórico para o ensino brasileiro, através da luta do Movimento Negro. De acordo com Gomes (2017), o movimento negro é precursor dos debates raciais dentro da nossa sociedade. Ela afirma que as indagações no âmbito público construíram reflexões sobre o recorte racial que temos em nosso contexto social. As políticas públicas que desenvolveram a perspectiva de igualdade racial dentro dos ambientes educacionais, também são resultado das articulações do Movimento Negro.

Sendo assim, o movimento negro é o eixo fundamental das importantes conquistas que temos em nosso meio, a luta diária contra o silenciamento das nossas vozes e corpos tornaram-se resistência e atualmente podemos ver os avanços que as leis trazem para o ambiente educacional, possibilitando a reflexão da importância de conhecermos a verdade sobre a historicidade da população negra.

2.1 A importância da Lei 10.639/03: Através da resistência do Movimento Negro

Como falamos anteriormente, o Movimento Negro é o grande precursor das discussões enfatizando o racismo no campo educacional. Gomes (2017, p. 24) argumenta que o Movimento Negro é "um importante ator político que constrói e sistematiza, articula saberes emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da história social, política e educacional".

Com isso, o Movimento Negro tem o objetivo de denunciar as desigualdades sociais e raciais colocando em pauta o silenciamento do racismo nas instituições educacionais e buscando educar a população sobre a história e a participação negra.

Nessa perspectiva, a resistência do Movimento Negro dentro dos ambientes educacionais proporciona as reflexões e leis que visavam contribuir e possibilitar a entrada da população negra nos espaços de conhecimento científico.

A Lei 10.639/03 foi um grande marco dessa resistência. Essa Lei foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9.394 na inclusão dos artigos 26 – A e 79 – B, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro Brasileira nos âmbitos educacionais públicos, particulares, nos níveis de ensino fundamental e médio.

Vejamos o que diz a lei:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra."

Os artigos modificados na LDB representam a resistência do Movimento Negro, que lutou e luta para desmistificar a figura negativa do negro dentro da sociedade, permitindo assim, a reflexão sobre os currículos, sobre os livros didáticos e literários e sobre práticas pedagógicas adotadas nas salas de ensino brasileiro.

Com a implementação das leis e programas, as instituições educacionais tiveram a oportunidade de ampliar as discussões e reflexões com seus educandos sobre a importância que a população negra obteve na cultura brasileira, não romantizar a diáspora africana e os grandes personagens da resistência negra.

Outro aspecto a ser destacado nas modificações da LDB é o artigo 79 – B. Esse artigo inclui no calendário escolar o dia 20 de Novembro como "O Dia Nacional da Consciência Negra". Podemos perceber a importância dessa data na fala de uma criança ensino fundamental em que ao ser perguntada sobre a importância desse dia, responde:

O dia da consciência negra, é o dia que eu me sinto muito privilegiada, respeitada e também valorizada (aluna A, 10 anos, negra).

Essa resposta nos faz perceber as mudanças que a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e a instauração do dia da consciência negra proporcionaram ao ensino brasileiro. Essas mudanças possibilitam aos estudantes construir uma visão reflexiva do contexto racial em nossa sociedade. E aos alunos negros a importância de se sentirem representados no ambiente educacional.

Segundo a pesquisadora Nilma Lino Gomes:

Nesse sentido, a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana (GOMES, 2012, p. 105).

A Lei 10.639/03 também foi alterada pela Lei de 11.645/08 incluindo a temática indígena nas reflexões educacionais. Ainda assim, a Lei 10.639/03 continua sendo um marco na historicidade educacional do nosso país, por ter aberto as discussões e desmitificação da figura negativa do negro, ampliado nossas visões para importância da mudança nos currículos das escolas, das práticas pedagógicas e a efetivação da representatividade das crianças ao se reconhecerem nos temas e livros estudados.

Por isso, abordaremos no tópico a seguir a discussão de como a escola pode construir de forma positiva a identidade da criança negra e o que podemos definir sobre identidade, mais uma vez ressaltando que essas discussões expandidas sobre a educação e população negra se dão a partir da resistência do Movimento Negro e do marco histórico da legislação.

2.2 A escola como construtora da Identidade Negra

A identidade pode ser entendida como uma construção individual e social, ou seja, a criança constrói sua individualidade, mas também é influenciada pelo meio ao qual está inserida. De acordo com Francisca Maria de Sousa:

Nesse sentido, ao falarmos de identidade individual, de auto representação, não é possível nos remetermos a um indivíduo isolado, à parte, "puro". Trata-se do indivíduo como um ser social, como sujeito inserido em um contexto de relações e, que, como tal, influencia e é influenciado por elas (SOUSA, 2005, p. 114).

Segundo defende Silva (1995, p. 26)

Identidade é um conceito que abrange duas dimensões: a pessoal e a social... A identidade social surge do processo de identificação do indivíduo com aqueles considerados importantes em sua socialização. Logo a identidade social se inter-relaciona com a identidade pessoal; sendo assim, não existe a possibilidade de uma identidade pessoal desvinculada da identidade social (apud SOUSA, 2005, p. 114).

Com isso podemos considerar que as crianças constroem sua identidade a partir das interações e representações percebidas dentro do contexto social que estão imersas. Ou seja, a instituição escolar é uma grande responsável pela construção identitária de uma criança, por ser um lugar de diversidade. Segundo Stuart Hall:

"[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem" (HALL, 2005, p. 11).

Então podemos perceber que a identidade é movimento. Com isso a identidade de uma criança negra pode ser desenvolvida a partir das representações positivas do negro em livros literários, didáticos, nas práticas pedagógicas, nos cartazes colados em torno do espaço educacional e isso se constitui práticas antirracistas.

Nilma Lino Gomes defende:

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra (GOMES 2002, p. 39).

Se a identidade é deslocamento, a criança negra vai movimentar-se de acordo com o que é apresentado a ela e por isso a preocupação de práticas antirracistas nos ambientes educacionais.

Nesse sentido, as pesquisadoras Gilmara Santos Mariosa e Maria da Glória dos Reis ressaltam:

É responsabilidade da escola estar atenta para a escolha do acervo de sua biblioteca, devendo optar por livros que contribuam para a formação de uma identidade positiva do negro e, simultaneamente, proporcionar aos alunos não negros o contato com a diversidade e as especificidades da cultura africana, deixando, assim, para trás, uma visão estereotipada e preconceituosa das idiosincrasias dos referenciais afrodescendentes. Aprendendo a valorizar também as contribuições dos africanos para a cultura brasileira (MARIOSA, REIS 2011, p. 47).

Por isso, a importância da escola desmistificar as representações negativas sobre o negro, dando possibilidade da criança negra conhecer e se reconhecer no seu processo construtor identitário. Nesse sentido, o Kabengele Munanga observa:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

De acordo com a reflexão acima podemos perceber a importância do desenvolvimento de propostas antirracistas dentro do ambiente educacional, para a construção de uma identidade positiva da criança negra e para a reflexão das crianças não negras sobre os comportamentos racistas da nossa sociedade.

A fala citada a seguir foi colhida durante uma entrevista do jornal montado pelos alunos do 4º ano, durante a semana da consciência negra. A pergunta era: Qual foi a importância do projeto Identidade Negra para você?

Foi legal pois ensinou para algumas pessoas que não sabem o dia da consciência negra, o que tem que falar, tipo a gente não pode ficar xingando as pessoas de cabelo pixaim porque isso machuca (aluno P, 10 anos, branco).

É importante a fala dessa criança, pois mostra a seriedade de práticas antirracistas. Ou seja, a criança não negra consegue refletir sobre o racismo e o quanto as manifestações racistas ferem a pessoa negra. A seguir veremos a fala de outra criança no mesmo

contexto da pergunta citada, porém desta vez, uma aluna negra falando sobre a importância de pensar sobre a temática:

O projeto para mim na sala foi um tempo para a gente pensar sobre nós, sobre a gente, sobre a população negra e isso foi muito bom porque a metade da sala se identifica como negro então isso foi importante para a gente pensar sobre o que a gente tem e o que a gente lutou (aluna L, 10 anos, negra).

A reflexão da pesquisadora e educadora Inaldete Pinheiro de Andrade, sintetiza a discussão que apresentamos:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. [...] Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial (ANDRADE 2005, p. 120).

Por isso, a importância da vivência de olhares positivos sobre a população negra dentro dos ambientes educacionais, pois subsidia as crianças negras desenvolverem uma identidade sem conflitos com suas raízes. Com isso, também proporciona as crianças não negras as reflexões sobre o racismo, historicidade da cultura afro-brasileira e a influência da resistência negra em nosso contexto social.

Discutiremos a seguir o que é Representatividade, qual a importância de termos personagem negros em torno do nosso ambiente educacional, no sentido da construção de educação antirracista veremos algumas falas colhidas durante as histórias contadas no Programa da Residência Pedagógica a fim de ilustrar essa discussão.

2.3 Representatividade é importante

Como discurremos no tópico anterior, a identidade se desenvolve a partir do contato com as representações sociais e as interações que o indivíduo obtém ao longo de sua vida. Essas representações podem ser tanto negativas quanto positivas, por isso a importância da escola manter viva a roda de debates sobre as questões raciais que permeiam a nossa sociedade.

Essa construção positiva da identidade negra pode ocorrer através da representatividade. O que seria então representatividade? Por mais que esse termo seja

muito utilizado atualmente, não encontramos um teórico que definisse o conceito. Por isso iremos trabalhar a partir do dicionário e as falas colhidas no processo da pesquisa.

De acordo com o dicionário "Aurélio" o termo Representatividade qualifica-se como um substantivo feminino: "1. Expressando qualidade de representativo. 2. Qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome."

Podemos compreender como representatividade quando as pessoas negras conseguem ascensão em suas carreiras profissionais, na mídia, filmes e música, perpassando para as crianças negras. Com isso, as crianças negras conseguem se perceber e se reconhecer através de outras pessoas negras pelos instrumentos midiáticos e educacionais.

Por isso, o portal Géledes² ressalta que:

Sendo assim a representatividade entra como fator importante na construção da subjetividade e na identidade negra, onde os negros começaram a conquistar espaço na mídia no meio institucional, na política, na música, filmes que vem sendo inspiração não só para às pequenas gerações, mas a todos os negros. O que traz visibilidade onde o "ser" invisível era algo que fazia parte do repertório negro (GÉLEDES, 2019).

É necessário que os profissionais que trabalham para o desenvolvimento da educação tenham em mente que a representatividade é importante para a criança negra, que os espaços educacionais estejam preparados para abrir diálogos que chamem a atenção para o respeito à historicidade da população negra.

De acordo com Glauber Kenner Vieira e Mônica Maria Gaspar:

Devemos sempre lembrar que a escola deve a todo momento estar preocupada com a formação dessas crianças, não apenas no âmbito do conhecimento científico, mas com sua formação integral, valendo-se de políticas afirmativas que oportunizem a inserção constante daquelas que por algum momento se sentem à margem da sociedade a que pertencem. Esse é o verdadeiro papel da escola (VIEIRA, GASPAS, 2005, p. 82).

A partir disso, a escola tem a responsabilidade de desenvolver práticas pedagógicas em que as crianças negras sintam-se pertencentes a esse ambiente. Por isso, Francisca Sousa define algumas linguagens utilizadas nos ambientes escolares como subjacentes.

² GELEDÉS Instituto da Mulher Negra fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira.

Linguagens escolares subjacentes aquelas formas de comunicação aparentemente ingênuas e isentas de ideologias, mas que estão, de fato, impregnadas de preconceitos. Assim, podemos destacar os cartazes, painéis, peças de teatro, músicas, desfile de beleza, brinquedos e brincadeiras; como também as atividades desenvolvidas nos diferentes momentos festivos, uma vez que geralmente colocam os(as) negros(as) em situação desfavorável. Isto costuma concretizar-se: a) Não dando visibilidade ao grupo negro, ou seja, excluindo-o da decoração escolar, das ilustrações dos livros, dos referências de construção da história, das ciências e das artes etc. (SOUSA, 2005, p. 109).

Nessa perspectiva, é retirada da criança negra a visibilidade de se reconhecer através dos processos midiáticos (filmes, desenhos, músicas etc.) e escolares as quais estão inseridas. Apagada essas formas de representações é dado aos negros, a história de desvalorização e uma imagem negativa de quem são.

Nesse sentido Francisca Sousa afirma que:

Há ainda uma espécie de pacto de convivência, afinal, ser reconhecido ou reconhecer alguém como negro soa, muitas vezes, como coisa negativa ou insulto, por ser associado à condição inferior. Ao passo que terminologias consideradas mais amenas como moreno, pardo, bronzeado ou algo semelhante conferem, no imaginário social, uma posição mais aceitável para o sujeito. b) Dando aos negros visibilidade negativa, inferiorizante. Isto é, colocando-os em posição subserviente e/ou degradante (SOUSA, 2005, p. 109).

Por isso, a importância da representação negra nos cartazes colados nas paredes da escola, na ornamentação da sala, nos livros didáticos e literários, nos diálogos entre professores e alunos. Dessa maneira é possível construir, positivamente a imagem da criança negra, possibilitando o desenvolvendo como adultos saudáveis em suas subjetividades e exercendo seus papéis críticos dentro da sociedade.

Este cartaz da imagem foi montado para a discussão do lápis cor da pele feita no início do ano de 2019, com a turma do 4º ano.

Figura 1 - Minha Cor É



Fonte: autora, 2019

A imagem acima ressalta a importância da discussão sobre representações que a escola deve proporcionar aos alunos negros para que construam sua identidade de maneira positiva. Aos alunos não negros que aprendam a respeitar a diversidade étnico-racial.

Nessa mesma perspectiva, analisarei uma fala e uma reação de duas alunas do 4º ano, sobre a importância da representatividade nos livros literários e também de ter professores que tenham consciência das relações raciais no ambiente educacional.

A reação de duas educandas foram colhidas quando fiz uma contação de história do livro "O CABELO DE CORA", de Ana Zarco Câmara (2013). A primeira aluna testemunha:

Tia! Quando eu li o livro de Cora fiquei feliz porque a personagem é negra e tem cabelo cacheado igual a mim, eu aprendi a gostar mais do meu cabelo (aluna L, 10 anos, negra).

Essa reação da estudante reforça a afirmação da autora Inaldete Pinheiro de Andrade, quando esta afirma: "A autoestima reflete, portanto, a consciência do sujeito sobre sua própria identidade" (2005, p. 117). Podemos observar isso na fala acima em que o livro narrado por uma personagem negra abriu novos caminhos para a aluna se enxergar com amor.

Outra reação foi a de uma aluna da mesma turma após a leitura da obra. Quando escutou a história, a aluna também se identificou com a protagonista. No outro dia ela foi para a escola dizendo que era em minha homenagem. Estava com o cabelo volumoso e preso com um laço (aluna E, 10 anos).

Essas reflexões feitas por alunas com cerca de 10 anos de idade corroboram o debate teórico realizado por Vieira e Gaspar:

Vislumbramos como as crianças se veem, o que elas acham de si e o que elas podem se tornar por meio de reflexões tão importantes a partir da literatura infantil e de suas próprias histórias de vida. Essa vivência a partir da literatura teve uma importância fundamental para que houvesse o resgate, do reconhecimento, aceitação e valorização da identidade negra que cada um possui, afinal esse é também papel da escola, formar uma sociedade que enalteça o ser e viva valores, consolidando saberes de acordo com a realidade que cada um possui, percebendo principalmente que tudo se transforma a partir do nosso jeito de olhar as coisas (VIEIRA, GASPAR 2005, p. 83).

O trabalho na escola e as reflexões teóricas confirmam que a representatividade é importante. É preciso que as linguagens escolares dentro dos ambientes educacionais

sejam propriedades para que as crianças negras tenham possibilidades de se reconhecer na historicidade da população negra, consigam se amar e em suas subjetividades construir visões positivas sobre seus conhecimentos científicos e suas competências físicas também.

Com isso, discutiremos no capítulo a seguir a importância da escola construir propostas que apresentem a educação antirracista.

3 O QUE TEM NA ESCOLA? A ESCASSEZ DAS OBRAS COM PERSONAGENS NEGROS NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA UFPB

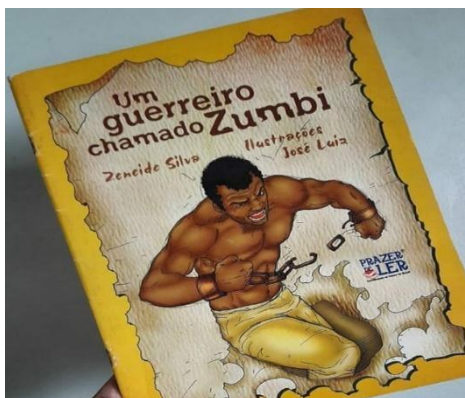
Esse capítulo configura-se através das observações feitas dentro do acervo bibliotecário da escola pesquisada. No espaço em que a instituição dispõe de obras para as crianças, só existiam dois livros que tinham como personagens principais a pessoa negra. Vejamos a seguir:

Figura 2 - Livro A Bela Acordada, Ligia Pereira dos Santos (2011)



Fonte: autora, 2019

Figura 3 - Livro Um Guerreiro chamado Zumbi, Zeneide Silva (2007)



Fonte: autora, 2019

Mesmo esses dois livros compondo o acervo bibliotecário da instituição, eles não faziam parte do repertório de leitura das crianças. Os alunos conheciam Zumbi dos Palmares através de discussões pontuais desenvolvidas nos anos anteriores.

O contato das crianças com obras literárias estimula a imaginação e novas formas de perceber o mundo. Segundo afirma Heloisa Pires Lima:

A Literatura infanto-juvenil apresenta-se como filão de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de conceitos [...] Para além de uma função, a terapêutica, as narrativas voltadas para um leitor jovem apresentam o dinamismo das diferentes culturas humanas e o que imaginamos ser um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação (LIMA, 2005, p. 103).

Além de proporcionar o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos escolares, a leitura de obras com personagens negros traz referências para as crianças negras e conhecimento de sua cultura.

A invisibilidade de obras que apresentem a história da população negra dentro dessa instituição pode ser uma das questões que levam uma estudante afirmar:

A minha cor é morena, eu não sou negra (aluna I, 9 anos, negra).

Essa fala foi reproduzida por uma criança da turma do 3º ano do ensino fundamental I, logo após perguntar às crianças sobre a cor da personagem do livro "O Cabelo de Lelê". As crianças afirmaram que Lelê era negra e compararam com aluna da fala acima. Veremos a seguir outro depoimento de uma aluna da mesma turma:

Eu não gosto dessa cor, pois não é a minha. A minha cor é branca, estou assim por causa da praia (aluna F, 8 anos, parda).

Na mesma perspectiva da pergunta sobre a cor de Lelê, as crianças automaticamente também compararam a cor da personagem com a aluna F. E ela afirmou ser branca, no meio da discussão ela retira uma foto e mostra ela bebê afirmando que era branca.

O discurso dessas alunas nos revela os estereótipos que são estruturados em relação à pessoa negra, ou seja, a percepção que o negro é sujo, mal, feio etc. É por isso, que eu como pesquisadora e os próprios colegas de turma não consideram a aluna F como branca.

De acordo com a professora Ana Célia Silva:

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto rejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial (SILVA, 2005, p. 25).

A reflexão da professora Ana Célia Silva faz referências aos moldes apresentados nos livros didáticos. Podemos utilizá-la também para incrementar a discussão sobre a invisibilidade negra nas obras infantis. É por isso, que o ambiente escolar precisa desenvolver reflexões sobre as práticas e recursos pedagógicos adotados.

A criança negra que não se reconhece nos espaços em que pertence, se distancia de sua identidade e cultura tornando-se estereotipados aos olhos da sociedade. Com isso, é introjetado na criança as ideias da branquitude. De acordo com Lourenço Cardoso:

A branquitude, ou identidade racial branca, se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência de escala local e global. [...] A branquitude permanece significando poder. A identidade racial branca é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e o do racismo (CARDOSO, 2011, p. 81).

Por isso, podemos perceber através da fala citada acima da criança negra que ela passa por um processo de internalização das ideias da branquitude. Esse afastamento de sua identidade ocorre justamente pela escola só ter discussões pontuais sobre a população negra, por não conter em seu acervo bibliotecário livros que tenham a representação negra, pela falta de cartazes dentro da escola e também de um planejamento que aborde as discussões étnico-racial.

Discutiremos no tópico a seguir a importância da escola ter planos de ação para o desenvolvimento de debates acerca da educação étnico-racial, como também para construir uma identidade positiva da criança negra e reflexões sobre a importância da população negra dentro da nossa sociedade.

3.1 A importância das políticas educacionais

A escola se constitui um lugar de conhecimentos e aprendizagens significativas para as crianças. Assim, temos planos de ações que viabilizam as discussões étnico-racial como: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) etc. Esses planos podem ser articulados juntamente com a flexibilidade do currículo e do projeto político pedagógico feitos pela comunidade escolar.

A BNCC, em 2017, deveria ter sido realizada com discussões ampliadas do sistema educacional brasileiro. Seu objetivo declarado é uma educação com diversidade

e igualdade. "A BNCC, constitui-se em documento normativo que obtém uma conjuntura orgânica" (BNCC, 2017, p. 07). Essa estruturação possibilita as aprendizagens significativas dos alunos nos parâmetros educacionais na estrutura básica.

A BNCC torna-se uma referência para os currículos e os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas brasileiras. Dentro da perspectiva da base, são selecionadas competências que abrangem os direitos e desenvolvimento dos alunos no ambiente educacional.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a "educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza (BRASIL, 2016, p. 09 *apud* BRASIL, 2013).

Dentro dessa perspectiva que a Base apresenta podemos nortear a educação étnico-racial. A instituição escolar que compreende a importância das discussões raciais, desenvolve em seu aluno o agente transformador da sociedade. Estimula pensamentos e reflexões que olhem o outro de forma igualitária, respeitando o processo de sua identidade.

Oficialmente o PPP se constitui uma peça fundamental no planejamento das instituições escolares, é nesse contexto que a escola alinha suas metas e caminhos para o ano escolar. O PPP ter uma dimensão política em seu curso, ele está pautado na construção da identidade do indivíduo coletivamente e individualmente.

O Projeto Político – Pedagógico da escola é uma reflexão de seu cotidiano, o que pressupõe continuidade das ações, descentralização, democratização do processo de tomada de decisões e instalação de um processo coletivo de avaliação de cunho emancipatório (VEIGA, 2006, p. 13 *apud* BARBOSA, 2013, p. 54).

Portanto, podemos compreender que o PPP tem uma grande importância dentro do ambiente escolar, pois a partir desse projeto podemos refletir e buscar a melhora do presente das ideias que formam a instituição escolar.

O PNLD também torna-se um articulador dentro das propostas antirracistas que podem ser adotados nas escolas. Esse programa é destinado a avaliar e disponibilizar obras literárias e materiais didáticos para o ensino básico brasileiro. A falta do conhecimento desses recursos dentro da educação afasta as crianças do contato com a leitura e das diferentes percepções sobre a história da cultura afro-brasileira.

Um dos livros adotados nas ações que originaram a pesquisa faz parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)³, porém a escola não tinha esse livro dentro do acervo. Vejamos a imagem a seguir:

Figura 4 – O Cabelo de Lelê, Valeria Belém (2007)



Fonte: google, 2020

O livro ‘O CABELO DE LELÊ’, foi a leitura que mais ampliou o universo de reflexão das crianças. Através dele, conseguimos abordar assuntos como a nossa cor, o respeito aos cabelos cacheados e crespo etc.

O cabelo de Lelê, por exemplo, incentiva a leitura, traz a imagens de cabelos negros de diferentes trejeitos fazendo referência à beleza dos cabelos negros, aborda a amizade entre crianças de diferentes cores, mostrando que as crianças interagem sem a presença de preconceito (OLIVEIRA, ARANTES 2018, p. 143).

Esse processo de levar as crianças ao contato com obras que tenham como personagem principal a pessoa negra, contribui para que as crianças negras tenham um referencial positivo de sua identidade. E, como discutimos em tópicos anteriores esse processo também torna-se importante para a criança não negra, pois possibilita a reflexão sobre o que está a sua volta, ou seja, a influência que a população negra teve na construção da sociedade brasileira.

Segundo defendem Patrícia da Silva Oliveira e Adlene Silva Arantes:

³ O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

O ambiente escolar, então, se configura numa proporção de educar, educar para a vida, para a formação e, nesse sentido, a literatura usada na sala de aula se estrutura para complementar a formação das crianças, pois ela vai auxiliar no processo da leitura e escrita. Nesse caso tornamos a literatura infantil afro-brasileira como imprescindível durante o desenvolvimento da construção de sua formação, porquanto a mesma engloba a formação da identidade, trabalha a cultura africana e afro-brasileira e apresenta o negro com imagens livres de estereótipo (OLIVEIRA, ARANTES 2018, p. 142).

Por isso, torna-se importante o corpo escolar conhecer os parâmetros que constituem a educação. Isso possibilita, que os alunos tenham contato com as diferentes culturas, refletindo sobre a estrutura social em que o negro é colocado. Ana Célia Silva afirma:

Identificar e corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade, é um dos passos para a reconstrução da autoestima, do autoconceito, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade (SILVA, 2005, p. 31).

Podemos compreender que a escola é um dos principais agentes transformador da relações raciais dentro da sociedade. É dentro das perspectivas educacionais que conseguimos abrir rodas de diálogos permitindo a reflexão sobre as diferentes maneiras que o sujeito tem de se expressar, e se colocar dentro do ambiente ao qual pertence.

Por isso, a importância de os professores estarem preparados para desenvolvimento e ampliação das práticas pedagógicas voltadas para a compreensão da Lei 10.639/03, como defende Arboleya:

Um educador deve considerar efetivamente a existência de literaturas com abordagens diversificadas que contribuam para a preservação de mecanismos ideológicos que possibilitem a afirmação da identidade cultural assim como a ressignificação em torno do simbolismo criado acerca da palavra negro e africano. A construção de um novo imaginário coletivo deve considerar o imaginário infantil como mundo de possibilidades para renovação das relações étnico-raciais e de uma arte-educação aberta à diferença onde a produção textual que desenha personagens e o desenho que espelha a produção textual à convivência e à diferença étnico -racial (ARBOLEYA, 2013, online).

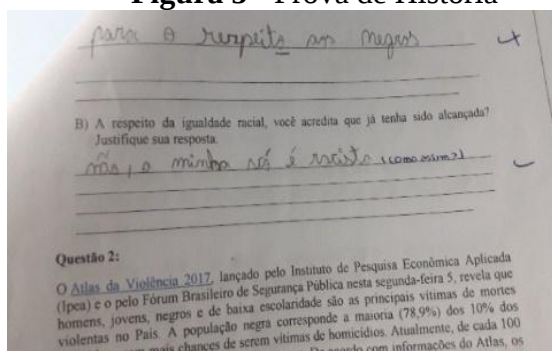
O acervo bibliotecário, as paredes da escola, as linguagens escolares precisam estar pautados de representatividade. É necessário que a criança conheça seus valores e identidades.

Como reflete Ana Célia Silva:

A desconstrução da ideologia abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/ etnias, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade (SILVA, 2005, p. 33).

Essa discussão da pesquisadora corrobora para a reflexão que quando a escola desenvolve estratégias para criança negra desconstruir as ideologias da branquitude, ela passa a se perceber com mais afeto, ocorrendo também, a transformação das ideias sobre ela e quem está ao seu redor. A criança agora passa a entender que não deve aceitar ataques racistas, como mostraremos na imagem a seguir, que representa a resposta a respeito da igualdade racial:

Figura 5 - Prova de História



Não a minha mãe é racista (aluno K, negro, 10 anos).

Fonte: autora, 2019

Podemos observar que o aluno negro do 4º ano do ensino fundamental I, compreendeu sua identidade em todos os momentos da pesquisa e ao fazer a prova de história, relatou que sua familiar é racista.

Portanto, quando a escola discute sobre as relações étnico-racial em seu currículo, a criança sente-se na liberdade de expressar suas dores e compartilhar seus ideais. Mas, para que isso ocorra é necessário que descolonizemos os currículos instaurados em nossas instituições educacionais.

Por isso, no tópico a seguir discutiremos a importância de a escola adotar práticas antirracistas para educação dentro do seu currículo e mostraremos algumas atividades que podem ser feitas para que a discussão étnico-racial seja ampliada.

3.2 A escola e o currículo

Vivemos atualmente diálogos mais amplos sobre a educação étnico-racial. Esses diálogos influenciam na construção dos currículos desenvolvidos nas instituições

escolares. Segundo defendem as pesquisadoras Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Azoilda Loretto da Trindade:

No que se refere à ideia de currículo, é importante entender que existem diferentes visões para sua construção e encaminhamento. Em nossa visão o entendemos como mola-mestra para o processo de sensibilização de alunos(as) para o conhecimento e exercício de seus direitos e deveres como cidadãos/aos. O trabalho docente pode, então, orientar-se para além das disciplinas constantes do currículo do curso, mas também na exposição e discussão de questões éticas, políticas, econômicas e sociais (ROCHA, TRINDADE 2006, p. 57).

Diante disso, podemos entender o currículo como organizador das práticas pedagógicas do ensino brasileiro. Ângela Cristina Alves Albino afirma que:

Se entendermos o currículo como a organização de todas as práticas da escola, que se desdobram em torno do conhecimento escolar e nas relações de poder, o professor encontra-se, necessariamente, comprometido com o planejamento e com o desenvolvimento do currículo (ALBINO, 2011, p. 83).

É importante perceber não só o professor deve estar engajado no desenvolvimento do currículo e sim toda comunidade escolar. Por outro, o currículo também pode se constituir como manobra de poder. Ele pode ser acrítico e tecnicista, influenciando a vida de todos que participam da comunidade escolar preparando o indivíduo somente para o mercado de trabalho.

Por isso, a comunidade escolar deve sempre estar atenta para as concepções e os ideias que escolhem para compor o desenvolvimento do currículo. Segundo a pesquisadora Ângela Cristina Alves Albino:

Nesse sentido, deve estar atento para que os conteúdos selecionados nas diversas disciplinas busquem desestabilizar a "lógica eurocêntrica, cristã, masculina, branca e heterossexual" que predomina (ALBINO, 2011, p. 76).

Diante dessa perspectiva, o currículo apresenta-se de duas formas no ambiente educacional: real e oficial. As práticas curriculares reais, são aquelas que se aproximam as nossas vivências diárias: "O currículo real é o currículo que se materializa dentro da sala de aula com professores e alunos a cada dia em decorrência de um projeto pedagógico e dos planos de ensino (HONORATO, PEREIRA, ROCHA, 2013, p. 12)."

Já o currículo oficial, encaixa-se nos parâmetros de documentos oficiais adotados pela educação: "Refere-se ao currículo estabelecido pelos sistemas de ensino, é expresso

em diretrizes curriculares, objetivos e conteúdo das áreas ou disciplinas de estudos ensino (HONORATO, PEREIRA, ROCHA, 2013, p. 12)."

O currículo é uma ação política e de resistência dos ideias educacionais. Os pesquisadores Honorato, Pereira e Rocha afirmam que:

Isso quer dizer compreendê-lo como conjunto de vivências e saberes pedagógicos que são construídos e reconstruídos pelos sujeitos da escola e de outros espaços sociais na sua continuidade. Enfim, compreender que essas vivências e saberes pedagógicos são momentos vivos e relevantes para a constituição do seu processo de (in)formação que, intelectualmente ou não, redesenham uma nova morfogênese curricular no cenário atual (HONORATO, PEREIRA, ROCHA 2013, p. 28)

O currículo é necessário para o ambiente escolar. Mas, é imprescindível também que os ideais sobrepostos para educação possam caminhar juntos com o avanço da democracia. O currículo pode ser desenvolvidos por todos da comunidade escolar.

Ao mesmo tempo que o currículo pode ser utilizado para práticas pedagógicas que olhem o indivíduo com respeito ou seja, reforcem sua cultura, seus traços e desenvolvam reflexões antirracistas, o mesmo também pode ser utilizado para a reprodução de práticas preconceituosas, alimentando estereótipos. Corroborando com essa ideia, Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Azoilda Loretto da Trindade afirmam:

Sabemos que existe um currículo manifesto que está presente nos planos de ensino, curso e aula, mas visceralmente articulado está o currículo oculto que representa um "corpus ideológico" de práticas que não estão explícitas no currículo manifesto, formalizado. Nesta relação manifesto/oculto, podem circular ideias que reforcem comportamentos e atitudes que implícita ou em escolar dos/das discentes. Estas podem remeter a preconceitos, intolerâncias e discriminações enraizadas e que estão ligados às relações de classe, gênero, orientação sexual, raça, religião e cultura (ROCHA, TRINDADE, 2006, p. 57).

Por isso, a cautela em escolher as práticas pedagógicas que serão vivenciadas através do currículo. Reafirmando, o currículo pode ser considerado um espaço de resistência, pois é dentro desse projeto de ação que podemos discutir as relações étnico-raciais, e os outros ideias que compõem a discussões dentro da nossa sociedade.

O currículo também se desenvolve a partir da interdisciplinaridade dos conteúdos abordados em sala de aula. É nesse momento que podemos criar propostas pedagógicas que façam referência a obrigatoriedade da Lei 10.639/03. Segundo Rosa Margarida de Carvalho Rocha e Azoilda Loretto da Trindade:

Pensar propostas de implementação da Lei nº. 10.639/2003 é focalizar e reagir a estruturas escolares que nos enquadram em modelos por demais rígidos. Atentarmos para a interdisciplinaridade nesta proposta é estarmos abertos ao diálogo, à escuta, à integração de saberes, à ruptura de barreiras, às segmentações disciplinares estanques (ROCHA, TRINDADE, 2006, p. 59).

Diante disso, veremos no tópico a seguir uma proposta de atividade pedagógica que pode ser desenvolvida e posta no currículo real e formal da instituição escolar. Pois, juntamos o assunto sobre um grande cantor da Paraíba (História da Paraíba), com a vivência dos alunos.

3.3 Lápis Cor da Pele: Atividade Pedagógica

Essa atividade pedagógica se desenvolveu a partir das discussões levantadas pela escola. No plano de desenvolvimento das escolas públicas da Paraíba, Jackson do Pandeiro⁴ foi o homenageado da comunidade escolar. Em 2019, por conta do seu centenário de nascimento. Ao falar sobre a história desse artista, enfatizei sua cor da pele e seus traços negros.

Algumas crianças conseguiram se identificar com Jackson. Então entreguei uma caixa de giz de cera, com 12 lápis e uma folha em branco. Nesta folha, as crianças tinham que fazer o autorretrato e pintar de acordo com a sua cor de pele.

As caixas de lápis utilizadas pela comunidade escolar geralmente não contém lápis que representem os tons de pele, por isso é interessante que a escola possa desenvolver atividades em seu currículo que possam trazer essa discussão e passar a adotar as caixas de lápis desenvolvidas com vários tons de pele, propiciando as discussões raciais.

Vejamos a seguir o autorretrato de um aluno do 4º ano:

⁴ Jackson do Pandeiro, nome artístico de José Gomes Filho (Alagoa Grande, 31 de agosto de 1919 – Brasília, 10 de julho de 1982), foi um cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro. Também conhecido como O Rei do Ritmo.

Figura 6 - Aluno N, 10 anos, negro



Fonte: autora, 2019

Ao terminar o desenho e a pintura, sentamo-nos em uma roda para discutir o que as crianças refletiram sobre a atividade. E os discursos foram:

Tia, não consegui me encontrar na caixa de lápis(aluno O, 9 anos, negro).

Tia, eu pintei de preto mas a minha cor é um pouco mais clara (aluna H, 9 anos, negra).

Percebemos nessas duas falas a falta de representatividade dentro dos materiais escolares das crianças. Isso torna a criança negra invisível no ambiente escolar, pois não encontra formas de se representar.

Por outro lado, essa atividade nos proporciona a reflexão de quem somos, quais são as nossas características, revelam nossos traços e cor. O respeito sobre o diferente também pode ser visto nessa atividade, sobretudo a afirmação da identidade negra das crianças. Com isso, o próximo capítulo aprofundarei a análise sobre as falas e atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa.

4 "A LELÊ É VOCÊ, TIA": UMA ANÁLISE SOBRE AS REAÇÕES DAS CRIANÇAS

Este capítulo tem como objetivo aprofundar as minhas observações para a construção da análise, durante todos os momentos em que tive contato com as crianças para contar as histórias das obras escolhidas. Esse desenvolvimento da análise é um momento delicado para mim, pois ao mesmo tempo que analiso, me coloco no lugar das falas descritas e (re)construo a minha identidade como mulher negra e professora.

As análises se desenvolveram através das obras em que as personagens principais das histórias eram negras. No quadro abaixo veremos os nomes dos livros trabalhados com os estudantes durante o estágio que deu origem a essa pesquisa:

Quadro 01 – Livros

Nome do Livro	Autor (a)	Ilustração	Data de Publicação
<i>A Bela Acordada</i>	Ligia Pereira dos Santos	Fábio Albuquerque Silva	2011
<i>Menina Bonita do Laço de Fita</i>	Ana Maria Machado	Claudius	2000
<i>O Cabelo de Cora</i>	Ana Zarco Câmera	Taline Schubach	2013
<i>O Cabelo de Lelê</i>	Valeria Belém	Adriana Mendonça	2007

As leituras das obras sempre eram divididas em três partes: a contação da história, os debates e as construções de atividades. Dessa forma, busquei propor que as crianças interagissem de forma lúdica com as obras e construíssem um pensamento crítico a partir das suas próprias percepções.

Como já mencionei, os anos selecionados para o desenvolvimento da pesquisa foram 2º, 3º e 4º do ensino fundamental I, no turno vespertino. As crianças tinham entre 7 a 10 anos de idade, por isso busquei preservar suas identidades. Com isso, as crianças serão identificadas a partir das letras do alfabeto, como por exemplo: aluna (o) J, 10 anos.

4.1 O Cabelo de Cora: Tecendo o caminho para as análises

A primeira obra lida ocorreu com as crianças do 4º ano, o livro escolhido foi *O Cabelo de Cora* de Ana Zarco Câmara (2015). Esse livro foi trazido por uma aluna negra dessa mesma turma. O objetivo para escolha desse livro foi mostrar uma literatura diferente e dar oportunidade para a aluna que trouxe falar um pouco sobre esse livro, contribuindo assim, para um novo olhar sobre as crianças negras, sobre a diversidade dos cabelos e a construção de uma identidade positiva.

A partir do interesse da aluna em apresentar o livro para seus colegas, esse momento tornou-se determinante para o envolvimento das crianças na roda da leitura proposta. Com isso, levantamos o questionamento: por que esse livro era importante para ela? A aluna afirmou que sente-se representada neste livro, por isso ele é importante.

Percebemos então que torna-se papel da comunidade escolar "positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras" (ANDRADE, 2000, p. 121).

Percebemos então que torna-se papel da comunidade escolar "positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras" (ANDRADE, 2000, p. 121).

É importante e necessário que as crianças negras possam sentir-se pertencentes ao ambiente educacional. Por isso, a escola precisa desenvolver projetos que coloquem em prática o conhecimento sobre as pessoas negras que construíram nossa sociedade, construindo assim, uma identidade positiva dessas crianças.

Na história *O Cabelo de Cora*, ela passa por um questionamento sobre seu cabelo, sendo reforçado pela sua amiga que o seu cabelo é "ruim" e por isso ela precisa prendê-lo para ficar mais bonito.

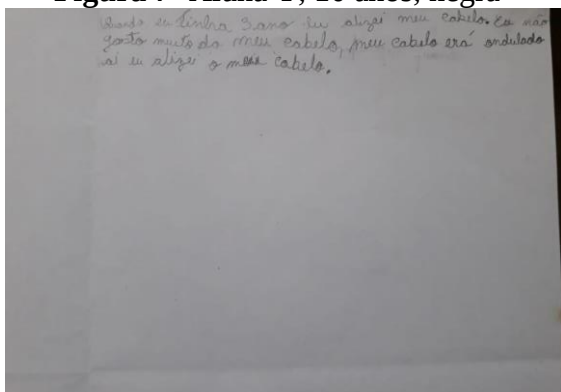
*Digo isso pois você
É minha amiguinha
Seu cabelo é ruim
Mas você é boazinha (CÂMARA, 2013, p. 11)*

Diante desse trecho lido para as crianças, levantei o questionamento: a amiga de Cora está certa em expressar esse sentimento sobre o cabelo de Cora? Unanimemente, as

criança responderam que não. Não era correto falar assim com Cora, pois cada um pode ter o cabelo que quiser.

Na atividade proposta para a turma, foi solicitada que escrevessem um pouco sobre a história do seu cabelo. A seguir, apresentaremos em imagens duas histórias das crianças que estavam presentes na leitura da obra e se envolveram na atividade.

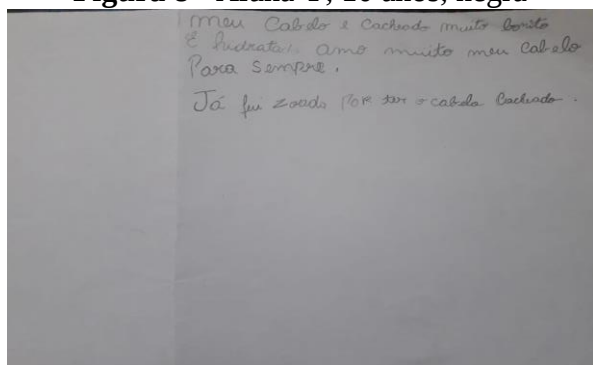
Figura 7- Aluna Y, 10 anos, negra



Quando eu tinha 3 anos eu alisei meu cabelo. Eu não gosto muito do meu cabelo, meu cabelo era ondulado ai eu alisei meu cabelo (aluna Y, 10 anos, negra).

Fonte: autora, 2019

Figura 8 - Aluna Y, 10 anos, negra



Meu cabelo é cacheado muito bonito. É hidratado amo muito meu cabelo para sempre. Já fui zoada por ter cabelo cacheado (aluna T, 10 anos, negra) .

Fonte: autora, 2019

A aluna Y, sempre relatava que não gostava mais do seu cabelo alisado e queria voltar ao que ela lembrava durante os primeiros anos de sua infância. Segundo Nilma Lino Gomes:

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (GOMES 2003, p. 174).

Percebemos então, que o fato da criança ter seu cabelo alisado sem compreender o objetivo desse processo causa distanciamento de sua identidade, ocorrendo futuramente conflito com seus traços. Diferentemente da Y, a aluna T tem outra relação com o cabelo, ela já consegue perceber seu cabelo com afeto. Transparece assim, uma identidade positiva de se reconhecer como é e amar seus traços. Mas, também denuncia a reprodução do racismo contra o seu corpo dentro ambiente escolar, quando diz que é zoada pelo seu cabelo.

Segundo a pesquisadora Nilma Lino Gomes:

[...] a experiência com o corpo negro e o cabelo crespo não se reduz ao espaço da família, das amizades, da militância ou dos relacionamentos amorosos. A escola aparece em vários depoimentos como um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra. Lamentavelmente, na maioria das vezes, a instituição escolar aparece nas lembranças dos depoentes reforçando estereótipos e representações negativas sobre o negro e o seu padrão estético (GOMES, 2003, p. 173)

Como já citamos, a escola pode ser um lugar de tensões racistas quando não é aberta para diálogos sobre as relações étnico-raciais. Por isso, ocorrem as denúncias sobre o racismo sofrido. Diante disso, percebemos que o corpo negro é bastante atacado seja no ambiente escolar ou fora do mesmo. Por isso, veremos a seguir a discussão sobre essa negação que ocorre e a importância de se ter obras que apresentem o corpo negro com belo.

4.2 O Cabelo de Lelê: A negação ou aceitação do cabelo crespo

O corpo é uma importante linguagem de comunicação. Segundo Nilma Lino Gomes:

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. Ao longo da história, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação (GOMES, 2003, p. 174).

Sabemos que a para a população negra o corpo é sinal de luta e resistência contra os períodos de escravidão e racismo sofrido por nós. Nilma Lino Gomes afirma que:

Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas (GOMES, 2002 p. 42).

O corpo negro chega antes da fala expressa para a sociedade. Mas, é também um lugar de afeto e significados "na cultura negra o corpo é fundamental. Sobre o corpo se assenta toda uma rede de sentidos e significações" (ROCHA, TRINDADE, 2006, p. 60).

Podemos compreender que a construção da identidade negra também passa pela percepção que o indivíduo tem sobre seu corpo "no processo de construção da identidade, o corpo pode ser considerado como um suporte da identidade negra e o cabelo crespo como um forte ícone identitário" (GOMES, 2003 p. 173).

Nesse processo identitário o corpo negro passa por conflitos, causados pelos estereótipos infligidos através da supremacia de uma sociedade branca. Segundo Nilma Lino Gomes:

Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (GOMES, 2002, p. 42)

Essa comparação entre os sinais negros e os brancos europeus, ocasiona o processo de negação do corpo negro. A pessoa negra passa a negar tudo aquilo que é relacionado a sua cultura e identidade, para se assemelhar a branquitude.

No livro *O Cabelo de Lelê* da autora Valeria Belém (2007), a personagem passa por uma busca desenfreada para descobrir de onde vem tantos cachinhos. Nessa investigação o livro traz um questionamento: Porque Lelê não gosta do que vê? Com isso, selecionei duas respostas de estudantes na atividade sobre o texto, realizada no 2º e outra no 4º ano.

O aluno de 7 anos respondeu que:

Ela acha feio o cabelo dela (aluno X, 7 anos, branco).

Já o aluno de 10 anos respondeu que a personagem não gosta do seu cabelo:

Por que seu cabelo é de pobre (aluno C, 10 anos, branco).

Podemos perceber nessas falas que o cabelo crespo e cacheado se assemelha a algo inferiorizante. As crianças reproduzem o que a sociedade está falando há muitos anos. Por isso, a importância de apresentarmos situações, livros e atividades que reforcem as características negras e a cultura como algo bom e belo, desmistificando as falas preconceituosas.

Dentro da perspectiva do cabelo na história de Lelê, levantei outro questionamento: O que vocês acham do cabelo de Lelê? ? Com isso, selecionei duas três respostas de alunos do 2º ano:

Não acho bonito porque fica feio cabelo preto com preto (aluno W, 7 anos, branco).

Feio, pois é muito grande (aluno Q, 7 anos, pardo).

Eca! Que nojo! (aluna B, 7 anos, branca).

Continuamos a perceber nessas três falas que o cabelo cacheado e crespo nas características de uma pessoa negra é passivo de rejeição. De acordo com a pesquisadora Grada Kilomba:

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravidão. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores *brancos*, mas o cabelo não, que acabou tornando um símbolo de "primitividade", desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como "cabelo ruim" (KILOMBA, 2008 p. 127).

Compreendemos então, que com a falta de diálogos dentro do ambiente educacional, a invisibilidade da história negra nos livros infanto-juvenis, nos livros didáticos e nas prática pedagógicas esse discurso pode tomar conta e construir um ambiente propício para a reprodução do racismo, como também, à construção de uma identidade negativa da criança negra.

Continuando sobre a análise da história, entendemos que o corpo é uma linguagem e todo ele pode expressar falas de diferentes maneiras. Por isso, o cabelo também é uma linguagem (GOMES, 2003) e pode se tornar um ponto de resistência para o seu povo.

No livro, a personagem levanta mais um questionamento: Como Lelê pode descobrir de onde vêm tantos cachinhos? As respostas variam entre os alunos do 3º ano:

Pentear o cabelo (aluno V, 8 anos, branco).

Alisar o cabelo (aluno U, 8 anos, negro).

Passar chapinha (aluno Z, 8 anos, branco).

As falas dessas crianças nos remetem que para ser bonito, para achar as respostas da sua identidade é necessário passar a se igualar aos padrões brancos introjetados pela sociedade. Essas podem se constituir formas de dominação branca eurocêntrica sobre a população negra. Segundo Grada Kilomba:

Ao mesmo tempo *negras* e *negros* foram pressionadas/os a alisar o "cabelo ruim" com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle a pagamento dos chamados sinais "repulsivos" da negritude (KILOMBA, 2008, p. 127).

Essa forma de dominação restringe uma construção positiva da identidade de uma pessoa negra. Por isso, a importância da escola como um ambiente acolhedor de diálogos que mostrem as crianças a diversidade que temos em nossa sociedade.

As ações do projeto desenvolvido na instituição da educação básica também possibilitou falas e reações positivas das crianças, construindo uma relação afetiva e reflexiva com os seus traços e de seus colegas. Vejamos a seguir algumas falas de afeição sobre o cabelo da personagem na turma do 3º ano:

O cabelo de Lelê é fofo (aluna M, 7 anos, branca)

O cabelo dela é livre (aluna N, 8 anos, negra)

É bonito o cabelo de Lelê, porque quando eu era pequena meu cabelo era do tamanho dela e cacheada (aluna S, 8 anos, negra)

A escola pode desenvolver estratégias através da leituras de obras infantis, a percepção valorosa em relação a população negra e suas características. Segundo as pesquisadoras Fabiane Sousa e Ilana da Silva:

É nessa perspectiva de desconstruir comportamentos racistas, através da literatura infantil, como uma estratégia encantadora e envolvente com as crianças, na intenção em que elas, reconheçam e valorizem as pessoas negras, os coleguinhas negros da sala de aula, através dos personagens negros das histórias contadas pela professora, nas rodas de leitura (SOUZA, SILVA, 2006, p. 01).

Corroborando com essa ideia, vejamos outras reações de alguns estudantes do 4º ano ao escutarem a história do cabelo de Lelê. Ao começar a história as crianças

associaram o cabelo da personagem com uma das alunas que também é negra e tem o apelido Lelê. Sua reação era de extrema felicidade ao se perceber dentro daquele universo.

Outra criança, mas, agora branca, relatou que não gostava de ter seu cabelo cacheado e sua preferência era liso. Mas, ao longo da conversa sobre o livro, soltei o meu cabelo e mostrei como podemos cuidar, fazer penteados e tocá-lo com afeto. A partir disso, essa aluna foi fazendo o mesmo, tocando seu cabelo e se reconhecendo.

O trabalho com essas formas simbólicas e representativas não só serve para expor a todos a beleza e os aspectos positivos que compõem a identidade negra, como também ajuda as crianças a tratarem todos com igualdade, levando em conta as diferenças e respeitando-as, para que talvez assim eliminem cada vez mais as desigualdades e a violência acarretadas pelo preconceito (QUEIROZ, ALVARENGA, FILHO, FIDELIS, ARAUJO, ARAUJO, 2018, p.72).

Considero que as falas e as reações positivas dos estudantes, são resultados do trabalho realizado através das contações das histórias e diálogos com as crianças. A escuta afetuosa e acessível também fez parte dessa construção de reconhecimento de que são e respeito com seus colegas.

É dentro dessa perspectiva que apresentaremos a seguir as últimas análises referentes aos livros: "A Bela Acordada" da autora Ligia P. dos Santos (2011) e "Menina Bonita do Laço de Fita" da autora Ana Maria Machado (2000), que mostram mais exemplos positivos durante as ações do projeto.

4.3 "Menina Bonita do Laço de Fita" e "A Bela Acordada ": Tecendo as últimas apreciações

A penúltima roda de leitura com as crianças foi sobre o livro Menina Bonita do Laço de Fita da autora Ana Maria Machado (2000). Na turma do 3º ano, introduzi o livro relembrando os outros dois que tínhamos lidos anteriormente. Nessa perspectiva, ampliei essa leitura para percepção da representação sobre os nossos familiares.

Ao ler o livro, sempre pedia para que as crianças lembrassem como era a cor de pele dos seus familiares, como era o cabelo, pois a nossa atividade seria a representação afetuosa em desenho sobre nossa família. O objetivo dessa atividade era fazer as crianças pensarem na diversidade das famílias e aprendessem a respeitar todos a sua volta.

Segundo as pesquisadoras Fabiane Sousa e Ilana da Silva:

Em nossa sociedade são evidenciadas inúmeras formas de manifestações de preconceito e discriminação, a escola como espaço de educação, pode tratar esse assunto com as crianças envolvidos nesse processo e promover tomadas de consciência entre os sujeitos sensibilizando-os a desenvolverem atitudes de respeito às diferenças, com a leitura (SOUZA, SILVA, 2006, p. 03).

Por isso, a escolha dessa literatura para trabalhar o contexto familiar e a diversidade de tons de pele existente em nossa sociedade, desmistificando os preconceitos e proporcionando a reflexão das diferenças. Vejamos nas imagens abaixo dois quadro feitos pelas crianças do 3º ano:

Figura 9 - Aluno Ç, 8 anos, negro



Fonte: autora, 2019

Figura 10 - Aluno S, 9 anos, negra



Fonte: autora, 2019

Esses quadros foram produzidos por duas crianças negras. Durante a confecção desses desenhos os estudantes dialogavam sobre seus familiares e se comparavam com eles (cor, cabelo etc.). E também conheciam através dos desenhos dos seus colegas a intimidade de cada família.

É também quando entra a importância do respeito e da identificação das identidades, da importância de se reconhecer no outro como igual, porém, sem deixar de ver as diferenças de cada um, principalmente em um país como o Brasil, com tantas raças e culturas diferentes (QUEIROZ, ALVARENGA, FILHO, FIDELIS, ARAUJO, ARAUJO, 2018, p.69).

Com isso, acreditamos que a escola pode desenvolver práticas pedagógicas através da literatura para que as crianças se reconheçam e sintam-se pertencentes a esses ambientes.

Na discussão do livro *A Bela Acordada*, com a turma do 3º ano, já consegui perceber diálogos diferentes em relação à estética e à forma que as crianças percebiam a personagem principal. O enredo dessa história explica de forma lúdica como ocorreu processo da Diáspora Africana. Segundo Rafael S. A. dos Anjos:

Nesta direção, estabelecer e reconhecer outras perspectivas para uma compreensão do tráfico, da escravidão e da diáspora africana como elementos formadores da configuração do mundo contemporâneo, constitui pressuposto básico para traçar um contexto mais adequado do papel das culturas negras na configuração espacial do território e do povo brasileiro. Preconizamos que essas questões estruturais são fundamentais para se compreender, ter respeito e valorizar as diferenciações étnicas e culturais existentes no país (ANJOS, 2005 p. 167).

Ao perguntar às crianças como eram as características da personagem do livro, elas respondiam:

Tia, a menina do livro é linda! (aluna V, 8 anos, negra).

A Bela Acordada, parece muito com Lelê (aluno Q, 8 anos, branco).

A cor da pele dela é parecida com a sua, tia (aluno H, 8 anos, negro).

Considero mais uma vez que essas falas transformadas são recorrentes do trabalho desenvolvido. Ao apresentarmos novas formas de ver a pessoa negra em nossa sociedade, possibilitamos que as crianças tenham reflexão de quem são e respeitem a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa, buscamos refletir sobre a importância que os livros infanto-juvenis com personagens negros protagonistas têm na construção da identidade de uma criança negra. Isso ocorreu através do Programa Residência Pedagógica, que me possibilitou desenvolver o Projeto de Identidade Negra. As ações desenvolvidas por esse projeto foram o eixo principal para as análises presentes nesse trabalho.

O percurso metodológico deste trabalho, me proporcionou uma escuta afetuosa e sensível com as crianças que participaram desse processo de pesquisa. É importante ressaltar que ao mesmo tempo que me colocava como pesquisadora, também me posicionava como mulher negra, construindo diálogos reflexivos de desconstrução sobre os estereótipos criados em relação a pessoa negra.

Esse processo colaborou na construção dos capítulos que tinha como objetivo trazer as reflexões teóricas sobre a escola, sobre representatividade, sobre currículo etc., articulando com as falas e as reações colhidas a cada ação desenvolvida no Projeto de Identidade Negra, realizado no Programa Residência Pedagógica.

As análises realizadas dentro dessa metodologia proporcionou compreender que as crianças movimentam sua identidade de acordo com as escutas que fazem em casa, na escola, na mídia etc. E a falta de representatividade nesses espaços, ocasiona discursos que negam a corporeidade da pessoa negra, fazendo-as a se enxergarem inferiores na sociedade.

Por isso, esse trabalho ressalta a importância da escola apropriar-se de práticas antirracistas que criam a possibilidade de discussões e reflexões sobre as questões étnico-raciais que estão sendo postas constantemente na sociedade.

A importância do livro infanto-juvenil entra nessa perspectiva, pelo fato de ser um recurso pedagógico lúdico em que as crianças (re)criam as informações que constam neles. É um momento em que as crianças negras sentem-se representadas pelos personagens, os enredos das histórias ajudam elas a resolverem os conflitos e passarem a se olhar com afeto.

Considero que as falas positivas que foram colhidas para esse trabalho, são recorrentes das ações do projeto da Identidade Negra, desenvolvidos em algumas turmas do ensino fundamental. Percebemos que ao falar e mostrar outras perspectivas de ver a pessoa negra, instigou com que as crianças refletissem sobre quem são, sobre seus colegas, sobre o que está a sua volta.

Este trabalho se constitui em uma reflexão sobre a temática. E isso o torna importante para ampliarmos ainda mais as discussões étnico-raciais, refletindo sobre como a escola pode ser um dos agentes que possibilitem a criança negra construir sua identidade de forma harmoniosa. Precisamos continuar na luta, precisamos formar professores que discutam sobre a temática, precisamos revisar nossos recursos pedagógicos, precisamos dar possibilidade de reparação para nossas(os) alunas(os) negras(os).

É com afeto e gratidão que inicio essa pesquisa, pois ela não termina nessas páginas. Mas, recomeça em outros espaços, buscando a visibilidade das pessoas negras na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Ângela Cristina Alves. O Projeto Político Pedagógico Em Mediações Discursivas. In:_____. Projeto político-pedagógico: uma análise da prática discursiva docente. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 76-83

ANDRADE, Inaldete Pinheiro. Construindo a Auto-Estima da Criança Negra. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 117 - 121.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. A Geografia, a África e os Negros Brasileiros. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 173.

ARANTES, Adlene Silva, GASPAR, Monica Maria Gadêlha de Souza. Diversidade Étnico-Racial e Literatura Infante Juvenil: Uma reflexão teórico-metodológica de "pesquisa-ação-formação". In: Adlene Silva Arantes, Mônica Gadêlha de Souza Gaspar (org.). Literatura afro-brasileira e africana: experiências formadoras na extensão, no ensino e na pesquisa. – 1.ed. – Pernambuco: Edupe, 2018. p. 29.

ARBOLEYA, Valdinei José. O negro na literatura infantil apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens **negros**. Disponível: <<https://www.geledes.org.br/o-negro-na-literatura-infantil-apontamentos-para-uma-interpretacao-da-construcao-adjetiva-e-da-representacao-imagetica-de-personagens-negros/>>; Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

BARBOSA, Samara Wanderley Xavier. A construção dos Projetos Políticos-Pedagógicos *um olhar para a escola*. In:_____. Projeto político pedagógico como espaço discursivo na prática social da escola. – Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 54.

BÉLEM, Vália. O cabelo de Lelê; Ilustração Adriana Mendonça, São Paulo: IBEP, 2012.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Alterada a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016ª.

CÂMARA, Ana Zarco. O cabelo de Cora: ilustração de Taline Shubach. – Rio de Janeiro: Pallas, 2013. 32 p. : il.

CARDOSO, Lourenço. O BRANCO-OBJETO: O MOVIMENTO NEGRO SITUANDO A BRANQUITUDE. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

– Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 11.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 52.

GOMES, NILMA LINO. Educação E Identidade Negra. Aletria: revista de estudos de literatura 9, 38-47, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Brasileiro como ator político. In:_____. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 21 -24.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação E Descolonização Dos Currículos. Currículo Sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 2002. Nº 21.

GONSALVES, Elisa Pereira. Selecionando o Tema da Pesquisa. In:_____. Conversas sobre iniciação científica/ Campinas, SP; Editora Alíneas, 2011. p. 36

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. A identidade cultural na pós-modernidade. 12.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 11.

KILOMBA, Grada. Políticas do Cabelo. In:_____. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 127.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 103.

MACHADO, Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. São Paulo: editora Ática, 2000.

MARIOSIA, Gilmar Santos, Reis Maria da Glória. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. Estação Literária Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011 .

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: _____. (org). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 15.

OLIVEIRA, Patrícia da Silva, ARANTES, Adlene Silva. Literatura Afro-Brasileira e Valorização da Identidade Negra na Educação Infantil: Uma análise a partir das obras O Cabelo de Lelé e Obax. In: Adlene Silva Arantes, Mônica Gadêlha de Souza Gaspar (org.). Literatura afro-brasileira e africana: experiências formadoras na extensão, no ensino e na pesquisa. – 1.ed. – Pernambuco: Edupe, 2018. p. 142-123.

PEREIRA, M.Z, ROCHA, N.F.E, HORONATO, R.F.S. Conversas Sobre Currículo. João Pessoa: UFPB, 2013, p. 12-28.

QUEIROZ HA, ALVARENGA JBS, MORAES-FILHO IM, FIDELIS A, ARAÚJO LM, ARAÚJO LM. O reconhecimento da identidade racial na educação infantil. Rev. Cient. Sena Aires. 2018; 7(1): 66-75.

Representatividade como construção da identidade. Geledés, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/representatividade-como-construcao-da-identidade/>>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2020.

ROCHA, Rosa Maria de Carvalho, TRINDADE, Azoilda Loretto. Ensino Fundamental. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006. p. 57-60

SANTOS, Lígia Pereira dos Santos. A bela acordada. / Campina Grande: Latus, 2011. 22 p.: Il. Color.

SILVA, Ana Célia. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 23 – 35.

SOUSA, Fabiane Cristina Costa Coelho Sousa, SILVA, Ilana Fernandes da Silva. A Importância Da Literatura Infantil Com Personagens Negros: Construção De Uma Educação Inclusiva Das Crianças Negras Na Educação Infantil. VIII Forum Internacional de Pedagogia. - VIII FIPED, v. 1, 2016. Imperatriz – MA, p. 01.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reproduções do preconceito. Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 109 - 114.

VIEIRA, Glauber Kenner Duarte da Silva, GASPAR, Monica Maria Gadêlha de Souza. Entre Príncipes e Princesas – A (RE) Construção Da Identidade Negra em Crianças do Ensino Fundamental.. In: Adlene Silva Arantes, Mônica Gadêlha de Souza Gaspar (org.). Literatura afro-brasileira e africana: experiências formadoras na extensão, no ensino e na pesquisa. – 1.ed. – Pernambuco: Edupe, 2018. p. 82-83.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS	
---	---	---

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado(a), autorizo Isabelle dos Santos, estudante de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba/UFPB a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que tem como título provisório “A REPRESENTATIVIDADE EM LIVROS LITERÁRIOS NO CONTEXTO ESCOLAR NUMA PERSPECTIVA EMPODERADORA DA CRIANÇA NEGRA” e está sendo orientado pela Prof^a Dr^a Surya Aaronovich Pombo de Barros.

João Pessoa, 09 de Novembro de 2019.

Assinatura

ANEXO A – Resumos da Contra Capa dos Livros

<i>Menina Bonita do Laço de Fita</i>; Autora: Ana Maria Machado; Ilustrações: Claudius.	O coelho branco quer ter uma filha linda como sua vizinha: “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?”
<i>O Cabelo de Cora</i>; Autora: Ana Zarco Câmara; Ilustrações: Taline Schubach.	Este livro não é sobre princesas, fadas, bruxas, monstros, animais que falam, super-heróis ou lendas de folclore. A história contada aqui não se passa num reino muito distante e não aconteceu há séculos. Cora é uma criança como você e vive no mundo real como todos nós. Ela vai para escola, tem amigos, família, e adora brincar. Mas Cora não está contente. Na verdade, está intrigada com o que sua amiga Miriam disse: “Melhor você usar uma fita na cabeça”. Vamos descobrir, afinal, qual é o fio desta história?
<i>O Cabelo de Lelê</i>; Autora: Valéria Belém; Ilustrações: Adriana Mendonça.	Lelê não gosta do que vê - de onde vem tantos cachinhos? Ela vive a se perguntar. E essa resposta ela encontra num livro, em que descobre sua história e a beleza da herança africana.
<i>A Bela Acordada</i>; Autora: Ligia Pereira dos Santos; Ilustrações Fábio Albuquerque Silva.	Querida criança, Que tal um convite? Este convite é para as crianças enFADAdas de contos de fada... Vamos abrir este livro e lê a história da linda menina Pérola Negra – A Bela Acordada. Vamos passear nas letras e visitar a história do nosso povo. O passeio é para as meninas e meninos que amam saber a verdade, e não negam suas origens. Vamos passear na sua história hoje? Que tal abrir as páginas do livro? Ele, o livro, e ela, a Bela Acordada, ficarão tão felizes... Sei que você vai amar a Bela Acordada... ela te espera de olhos abertos... Com amor, A autora.